

MIGRANTES - TRABALHO E TRABALHADORES NO COMPLEXO AGROINDUSTRIAL CANAVIEIRO (OS HERÓIS DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO)

Francisco José da Costa ALVES¹
José Roberto NOVAES²

NOVAES, J. R.; ALVES, F. J. C. (Org.). **Migrantes**: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro). São Carlos: EDUFSCAR, 2007.

A partir de 2001, surgem novos personagens no cenário das cidades dormitórios de bóias-frias do interior paulista; os maranhenses e os piauienses. Estes novos personagens não se diferenciam dos mineiros, baianos e paranaenses que, desde as décadas de 50/60, passaram a migrar sazonalmente esta região, em busca de trabalho na safra de cana.

Os maranhenses e piauienses também são migrantes como os mineiros e baianos. Chegam sem a destreza e habilidade no corte como os que já vieram em outras safras, mas estão dispostos a aprender, porque têm de sobreviver, assim como suas famílias, nas regiões de origem, que deles dependem.

O corte de cana é por eles encarado como a única possibilidade de driblarem a fome e de conseguirem um trabalho de maior prazo, com salários superiores aos de suas regiões de origem. Segundo informações da Pastoral do Migrante, a safra de 2001 foi a segunda em que chegaram maranhenses e piauienses para o corte de cana naquela região. Eram menos de 100 maranhenses na cidade de Guariba e uns 300 em Dumont, uma outra cidade dormitório localizada na região de Ribeirão Preto. Os piauienses chegaram em menor número em Guariba, eles se dirigiram mais fortemente para os municípios canavieiros mais ao norte, como Orlândia, Serra Azul e algumas outras cidades da Macro-Região de Ribeirão Preto.

A chegada dos maranhenses e piauienses para o corte de cana na Região de Ribeirão Preto, em São Paulo coloca duas questões em evidência: Uma delas é por que estes trabalhadores cruzavam o país, numa viagem de mais de 3.000 quilômetros, para aventurarem-se no corte de cana, que é reconhecidamente uma atividade penosa, dura, que não raras vezes leva os trabalhadores à morte? A outra pergunta é por que as modernas usinas paulistas buscam trabalhadores de regiões tão distantes, num momento em que o desemprego de jovens é um dos grandes problemas das prefeituras das cidades canavieiras do interior paulista?

Estas são as questões que este livro procura responder e foca seu olhar no *trabalho* destes migrantes no moderno complexo agroindustrial canavieiro paulista e no processo de expulsão a que estes trabalhadores estão submetidos em suas regiões de origem.

Para a realização do livro era necessário, portanto, juntar estes dois olhares: o olhar do trabalho e das condições de trabalho nas regiões de destino e o olhar sobre o processo de expulsão nas regiões de origem. Para isto foram convidados para a elaboração da pesquisa, que dá origem ao livro os pesquisadores das Universidades Federais do Piauí e do Maranhão,

¹ Doutor em Ciências Econômicas pela Unicamp. UFSCar - Universidade Federal de São Carlos. Departamento de Engenharia de Produção. São Carlos – SP - Brasil. 13565-905 - chiquinho@dep.ufscar.br

² Doutor em Ciências Econômicas pela Unicamp. UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Economia. Rio de Janeiro – RJ - Brasil. 21941-901 - @_mafekeko@centroin.com.br
REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v.1, n.2, jan./ jul. 2009

Prof. Dra. Maria Dione Carvalho de Moraes, da Universidade Federal do Piauí, e o Prof. Marcelo Sampaio Carneiro. Com este núcleo de pesquisadores elaboramos o projeto, que articula quatro universidades federais (UFSCar, UFRJ, UFPI e UFMA) para: a realização da pesquisa, que permitiu a produção deste livro e de um vídeo documentário.

O vídeo-documentário, também intitulado *Migrante* e também lançado em outubro de 2007, é um instrumento pedagógico de extensão universitária, voltado a discussão da questão da migração para o trabalho na cana em espaços comunitários. Seu objetivo é, portanto, dar maior visibilidade social à questão das migrações internas em nosso país e provocar a reflexão crítica sobre as condições de vida e trabalho dos migrantes nas modernas usinas canavieiras de São Paulo. Através de oficinas de reflexão, a serem realizadas com os próprios trabalhadores e outras organizações da sociedade civil, os vídeos-documentários têm sido um meio eficaz para aproximar a Universidade da sociedade brasileira.

Para a elaboração do livro, além da equipe inicial que articulou as quatro universidades federais neste projeto, foram convidados outros pesquisadores com larga experiência de pesquisa com a temática das migrações.

O objetivo do livro é levar para o interior das universidades, para toda a comunidade acadêmica, a discussão sobre o que leva a haver no Brasil um processo contínuo e antigo de migração de trabalhadores rurais, de regiões onde predomina a pequena produção familiar para regiões de expansão do agronegócio canavieiro, como o Centro-sul brasileiro. Neste livro é discutido também a questão da dura conversão destes trabalhadores agrícolas familiares em assalariados rurais.

O conteúdo do livro, simultaneamente, evoca a reflexão sobre as mudanças recentes na estrutura da produção agrícola familiar e sobre a modernização e a gestão de mão de obra nas plantações e usinas de açúcar. Recoloca-se, assim, a questão do “bóia fria”. Afinal, a discussão sobre as relações entre cidade e campo e sobre o trabalho assalariado temporário que teve papel de destaque na academia, nos anos 70 e 80, hoje em dia tem sido objeto de pouca atenção. O livro suscita a necessidade de compreender esta questão social e política; a contínua migração de trabalhadores rurais familiares, que é um fenômeno antigo e contemporâneo, ao mesmo tempo, e que aflige um amplo contingente da população brasileira.

“Sem eira e sem beira”, como algumas vezes se auto-definem, estes trabalhadores estão submetidos a péssimas condições de trabalho e de moradia, tanto nos locais de origem quanto, principalmente, nos locais de destino, condições estas que são objeto do livro. Embora escrito a várias mãos e sem a pretensão de apresentar uma única abordagem ou esquema explicativo, o livro tem como unidade o entendimento de que o *trabalho* e, o debate acerca de suas condições atuais e perspectivas futuras, continua tendo centralidade para a compreensão deste século que se inicia. No Brasil, as perversas complementaridades entre distintas formas de pequena produção agrícola e o agronegócio; entre novas e velhas ocupações rurais não agrícolas e o complexo canavieiro do Nordeste e do Sudeste, assim como a ampliação geográfica dos movimentos de mão de obra entre regiões cada vez mais distantes, evidenciam a premissa que o trabalho continua sendo elemento central na organização social.

O livro está dividido em três partes: duas destinadas a discutir as condições de trabalho e de vida dos trabalhadores migrantes no complexo canavieiro nas regiões de destino (São Paulo e Rio de Janeiro) e uma destinada a discutir o processo de expulsão destes trabalhadores das regiões de origem (Maranhão, Piauí, Paraíba e Vale do Jequitinhonha).

Na primeira parte, encontram-se quatro artigos. O primeiro deles, de Francisco Alves, tem como título: “Migração de trabalhadores rurais do Maranhão e do Piauí para o corte de cana em São Paulo: será este um fenômeno casual ou recorrente da estratégia empresarial do Complexo Agroindustrial Canavieiro?” O artigo procura responder a questão posta no título. O artigo mostra que a busca permanente de trabalhadores de regiões distantes é estratégia

recorrente do complexo agroindustrial canavieiro paulista. Tal estratégia se apóia no processo de expulsão dos trabalhadores da pequena produção familiar, num típico movimento de acumulação primitiva, no qual os produtores familiares são expulsos de suas terras e passam a migrar para onde o capital está concentrado e demandando força-de-trabalho livre. O complexo canavieiro paulista procura dirigir, através de diferentes expedientes, este fluxo de força-de-trabalho livre para São Paulo e através dele consegue atingir a perfeição capitalista: aumento da produtividade do trabalho e redução de salários. No caso paulista, a possibilidade de contar com um amplo contingente de trabalhadores migrantes e não migrantes possibilitou inclusive o arrefecimento do ritmo de mecanização do corte de cana.

O artigo seguinte, “Trabalho e trabalhadores na região do ‘Mar de Cana e do Rio de Álcool’”, de Maria Aparecida Moraes Silva, traz uma análise das relações e formas de trabalho implantadas por este modelo de agricultura, caracterizado como agronegócio, levando-se em conta a precarização das relações de trabalho e do desemprego, causado pelo emprego de máquinas. O texto aprofunda a discussão sobre os elementos visíveis e invisíveis que caracterizam a complexidade do trabalho, a partir da realidade ora existente, buscando contribuir para revelar, através de dados empíricos, os elementos ideológicos, mascaradores, que estão embutidos nas relações de trabalho nesta agricultura **moderna**.

O terceiro texto desta primeira parte, intitulado “Idas e vindas: disparidades e conexões regionais. Um estudo sobre trabalho temporário de nordestinos na safra da cana paulista”, de José Roberto Novaes, traz uma reflexão sobre os efeitos das mudanças tecnológicas e a expansão da lavoura canavieira no Brasil, e particularmente em São Paulo, sobre a vida e a saúde dos trabalhadores migrantes sazonais. A partir deste objetivo, o texto destaca os paradoxos presentes em um contexto que conjuga incorporação de novas tecnologias e uma oferta de trabalho que leva à exaustão física traduzida em acidentes e mortes. Buscando apreender as repercussões das novas formas de gestão e organização da força-de-trabalho no corte da cana, o texto foge de uma análise mono-causal e apresenta uma conjugação de fatores para a leitura e a compreensão sociológica desta particular configuração social. Em outras palavras, considerando a agroindústria canavieira como atividade responsável pela geração de emprego aos trabalhadores migrantes nordestinos, focaliza-se feixes de relações sociais em que se desenvolvem velhos e novos expedientes reprodutores de exploração, de desigualdades sociais e de disparidades regionais.

Partindo para a “Cidade Garantida e Proibida”, de Andréa Vettorassi, é o quarto texto que encerra esta primeira parte. Este estudo objetiva mostrar as condições de vida dos migrantes nordestinos numa das cidades, que é a referência política das lutas dos trabalhadores assalariados rurais. Guariba é uma típica cidade dormitório, onde moram os trabalhadores da cana, que saem para o trabalho quando ainda é noite e só retornam, na maior parte das vezes, à noite. Este estudo traz à tona, os tipos de relações sociais existentes entre os guaribenses e os migrantes, ambos presentes na figuração social de Guariba. Este estudo está baseado na metodologia da História Oral e em dados quantitativos, que permitem revelar, com exatidão, os contrastes existentes nesta cidade desigual. A intenção do texto é mostrar como vivem (e sobre-vivem) estes homens e mulheres migrantes nos bairros periféricos de Guariba, essencialmente o Bairro Alto, onde a greve de Guariba, em 1984, escancarou o estigma e a violência simbólica.

A segunda parte do livro foi intitulada “Trabalho e trabalhadores migrantes no Complexo Agroindustrial Canavieiro do Rio de Janeiro”. Seu objetivo é mostrar como o complexo agroindustrial nesta região também utiliza a estratégia da migração de trabalhadores rurais, fundamentalmente mineiros e nordestinos, para lograr competitividade frente ao paulista. No caso do Rio de Janeiro, mais especificamente a Região de Campos dos Goytacazes o Complexo Agroindustrial canavieiro renasce das cinzas, não como a Fênix. A década de 90, com o processo de saída do Estado da atividade e com a abertura comercial,

praticamente encerrou a atividade canavieira na Região, com a falência e fechamento de quase todas as usinas. Mas, a partir da presente década há um processo de migração de grupos econômicos, principalmente nordestinos (alagoanos), que compram e modernizam as usinas ainda existentes e promovem o retorno da atividade, porém, mantendo o que é essencial a precarização do trabalho e a utilização de trabalhadores em condições análogas a de escravo. Este renascimento não se deveu a nenhuma mágica, como no caso da Fênix, mas a costura de um pacto entre os grandes proprietários de terra regional, o poder público e os novos grupos empresariais para a utilização dos recursos provenientes dos *royalties* do petróleo como será mostrado no texto de Carolina Abreu.

O primeiro texto, “Migração: dos des-caminhos do agronegócio sucro alcooleiro à organização dos cortadores de cana”, de Carolina Abreu, tem como objetivo auxiliar na reflexão sobre o mundo do trabalho nos canaviais. O trabalho foca o município de Campos dos Goytacazes, que é o maior produtor de açúcar e álcool do estado do Rio de Janeiro e que ocupa ainda o nono lugar na produção sucro-alcooleira brasileira³ e possui uma característica histórica importante: a elevada concentração de terras agricultáveis nas mãos de um pequeno número de proprietários, e índices de produtividade da terra que são relativamente muito baixos quando comparado aos nacionais.

O segundo texto, que encerra esta segunda parte, é “Refuncionalização da servidão: uma análise da permanência de formas de escravidão na Agroindústria Canavieira de Campos dos Goytacazes”, de Mariana Setúbal. Este texto objetiva estudar a permanência do trabalho escravo e degradante no Complexo Agroindustrial Canavieiro de Campos –RJ. Para isto assinala as particularidades históricas que presidem o desenvolvimento desigual no país e as expressões destas particularidades no processo de produção da agroindústria canavieira no município de Campos - RJ. Nesta Região se misturam o **moderno** e o **arcaico**, na medida em que o **novo** se realiza pela mediação de heranças históricas que ainda persistem em nossa sociedade. Ou seja, aqui, o moderno se constitui por dentro do arcaico, recriando formas de existência que parecem incompatíveis com o novo estágio. O artigo procura ainda abordar as condições em que se encontram os trabalhadores migrantes de algumas usinas situadas no município de Campos dos Goytacazes, a partir de documentos oficiais do Ministério do Trabalho.

A terceira parte do livro, intitulada “Trabalho e trabalhadores migrantes no Nordeste Brasileiro e no Norte de Minas Gerais”, é composta por artigos que analisam o processo de expulsão dos migrantes das regiões de origem para o corte de cana na Região Centro-Sul do país. O que amarra esta terceira parte do livro é a compreensão de que a migração, no caso brasileiro e nordestino, em particular, é resultado de um processo de deterioração das condições de sobrevivência dos pequenos produtores familiares, camponeses. A migração é vista, portanto, como conseqüência de relações sociais de subordinação expressas no processo de expulsão dos trabalhadores do campo, acrescido da impossibilidade de acesso a terra na própria região e dificuldade de obtenção de trabalho e renda.

O primeiro texto, desta terceira parte, intitulado “Migração, estrutura agrária e redes sociais: uma análise do deslocamento de trabalhadores maranhenses rumo à lavoura da cana em São Paulo”, é o de Marcelo Sampaio Carneiro, Andréa Sousa e Karlene Marinho. Neste artigo os autores mostram as razões dos deslocamentos, tanto temporários como definitivos. O texto apóia-se em pesquisa quantitativa e na análise de depoimentos realizados em Timbiras – MA, mostrando o significado desse deslocamento para o corte de cana em São Paulo e suas repercussões para a vida desses trabalhadores. O texto se encerra com considerações para a ação estatal para enfrentar os problemas associados à migração de trabalhadores do município de Timbiras.

³ Dados de 2002 do Centro de Informação e Dados do Rio de Janeiro (CIDE).
REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v.1, n.2, jan./ jul. 2009

O segundo texto é de Marilda Aparecida de Menezes e Marcelo Saturnino, intitulado “As migrações sazonais do sertão paraibano para as usinas canavieiras de São Paulo”. Este texto mostra que o processo migratório do sertão da Paraíba, a partir da década de 90, passa por um redirecionamento, que vai além da clássica migração para regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e das migrações sazonais da região do Agreste e do Brejo Paraibano para as usinas da Zona da Mata na Paraíba e em Pernambuco. Estas migrações sazonais do Sertão Paraibano passam, a partir de meados da década de 1990, a dirigir-se para a região canavieira de São Paulo e este é resultado de um processo de reestruturação do setor sucro-alcooleiro no interior paulista. Os autores deixam claro que, além desta reestruturação do setor sucro-alcooleiro paulista, o forte desemprego nas regiões metropolitanas tem papel importante neste redirecionamento.

“Andando pelo Mundo (significados da migração temporária: do Piauí para a agroindústria canavieira paulista)”, foi escrito por Maria Dione Carvalho de Moraes, Francisco Frazão e Teodório Rogério Júnior. Este texto agrega elementos à reflexão sobre a temática da migração agrícola temporária de municípios piauienses, entendida como “modo de reprodução social”. O foco do artigo é o ponto de vista dos atores sociais interpelados no estudo, tanto os/as próprios/as migrantes, quanto seus filhos/as, mães e pais, parentes e aderentes, enfim, sua família. O artigo trabalha um conjunto de dados sobre a infra-estrutura dos municípios abordados e, neste sentido, é também uma contribuição para a elaboração de políticas públicas de geração de trabalho e renda, no estado e nos municípios mais diretamente afetados. Neste cenário, o texto destaca, sobretudo, as novas gerações objeto de cobiça das grandes empresas que aliciam mão-de-obra farta a baixo custo, socialmente desprotegida e politicamente desarticulada, tal como se encontra no interior do Piauí.

Encerrando esta parte, e o livro, temos o artigo “Condição camponesa e migração: caminhos e descaminhos do roçado”, de José Carlos Alves Pereira. Este texto retoma a problemática da migração de uma grande legião de pessoas do Vale do Jequitinhonha, no norte de Minas Gerais, para o corte de cana em diferentes regiões do país. Seu objetivo é mostrar que o Vale do Jequitinhonha ainda permanece como um grande exportador de força-de-trabalho líquida para inúmeras regiões do país e até do mundo. O texto trata das condições de vida de homens e mulheres nesta Região, mediante dois eixos que implicam na migração compulsória: os fatores de ordem macro social e os fatores de ordem micro social. No primeiro estão os fatores estruturais, vinculados ao plano das instituições (políticas públicas, educação, infraestrutura regional, etc.), no segundo estão os fatores mais tangíveis às práticas dos migrantes e suas famílias (estratégias e lutas pela sobrevivência). Estes dois eixos não são excludentes entre si, eles se sobrepõem e influenciam. Seus desdobramentos expressam a precariedade das condições de vida de homens e mulheres no Vale do Jequitinhonha, mas também seu empenho na elaboração de alternativas e lutas que lhes possibilitem um padrão de vida melhor.

O livro conta ainda com a participação de Francisco de Oliveira no seu prefácio. Na verdade, a participação de Chico de Oliveira no prefácio é antes de tudo uma homenagem dos organizadores ao autor de *Elegia para uma re(li)gião*, escrito em 1977, hoje um clássico para quem quiser entender a articulação entre as questões regionais e a dinâmica das classes sociais no Brasil.